

Hoje é a terceira semana de março de 2040. Tenho 56 anos, e estou chegando numa segunda-feira no meu consultório. Há 20 anos percebo, toda terceira semana de março começa o mesmo assunto, o ano de 2020. Voltam as lembranças, os sonhos remetem à essa época, como uma música dessas que não descolam fácil da nossa cabeça. Num coro coletivo, todos pacientes começam a ainda tentar entender o que se passou mesmo naquele ano. Ainda, 20 anos depois. Não, nenhum deles passou fome, ou teve uma grave crise econômica na vida familiar. A maioria nem chegou a perder ninguém próximo. Somente um paciente perdeu o pai com 55 anos para o Covid-19, e alguns poucos perderam avós ou tios avós. Mas não parece que é exatamente pela morte que o assunto volta. Não me entendam mal, não que a partida de um familiar não gere muito sofrimento. Mas não é só da morte que eles falam. Não é bem por isso que todos sempre começam a relembrar esse assunto.

Mal comparando, como no dia depois dos 7x1, lembram? Todos pacientes chegavam e falavam somente do mesmo assunto. Um dia inteiro, foi só o que ouvimos. A diferença é que quando se trata de 2020 não me refiro a só um dia. Desde que ele aconteceu, ele é parte de toda entrevista de anamnese que fazemos. Ele deixou um marco na vida de todos. Todos ainda lembram exatamente o que mudou na sua vida em março de 2020. Algo parecido com o instante da morte do Sena ou do 11 de setembro. Todos que viveram essas duas situações sabem o que estavam fazendo momento da notícia. Mas não costumamos incluir esses dias no relato das nossas vidas; ao contrário de 2020, que passou a ser parte narrativa da vida de todos, assim como o ano da morte de um familiar, ou do início da vida escolar ou da separação de um casal.

Hoje estava na terceira consulta de avaliação de uma jovem adulta, de 24 anos, Mariana. Pela primeira vez, ela me comentou que sonhava muito, e eu perguntei como costumavam ser seus sonhos. E ela disse 'ah não costumo me lembrar muito, mas essas coisas normais que se sonham, às vezes com uma onda gigante que pode me derrubar, às vezes que estou na aula sem uma parte da roupa, às vezes com a casa da minha avó. E quase sempre todas as pessoas dos meus sonhos usam máscara'. E acrescenta 'claro eu tinha 3 a 4 anos durante a pandemia, em quase 90% dos meus sonhos as pessoas estão de máscara. Mas já conversei com meus amigos e isso é bem normal né? Todo mundo da minha idade tem muitos sonhos com pessoas de máscara'. E ela está certa. Como vocês sabem, a máscara virou um símbolo universal nos sonhos de quem tinha entre 2 - 5 anos na fase da pandemia. Às vezes atendo alguém que tinha somente um ano na época do covid e não entende muito bem por que, mas também sonha com pessoas de máscara. Quando comento que a pessoa já era nascida em

2020 e os lembro da pandemia, ficam impressionados em como isso pode ter entrado em seus sonhos.

Se por acaso, alguém começou a me escutar agora e não está entendendo nada, saibam que tudo isso que estou lhes contando está se passando na terceira semana de março de 2040.

A psicanálise segue firme e forte e na mesma semana tenho ainda outra nova avaliação. Minha segunda paciente, Maria, que está em processo de avaliação, tem 27 anos. Sua mãe está em estágio terminal de câncer. Sua mãe é enfermeira aposentada e trabalhou diretamente com covid em um hospital da cidade. Minha paciente, com 7 anos na época, morou 9 meses com os avós, e via a mãe por telas duas vezes por dia. Desde ali, a relação das duas nunca mais foi a mesma. Conta que sua avó passou a ser sua referência, e que ela na época não entendia bem por que a mãe estava fazendo aquilo. Sabe racionalmente que a mãe fez isso para protegê-la, mas passou a vida sentindo raiva da mãe por isso. Seu atual namorado, que perdeu a mãe subitamente, a incentivou a buscar tratamento para que ela pudesse se despedir da mãe do melhor jeito possível. Vinte anos depois, no mesmo mês de março, a vida das duas está para mudar novamente. Não sei se terei tempo de ajudá-la a resgatar algo da relação com a mãe, ao menos não com a mãe que ainda está aqui do lado de fora. Mas Maria me disse não querer ter filhos porque não quer de jeito nenhum correr o risco de precisar se separar da filha ou filho por algum motivo que não possa controlar. Chora muito quando me diz isso, pois comenta que crianças são a grande paixão de sua vida. Quem sabe para isso teremos tempo de trabalhar juntas?

Já é sexta-feira, da teceria semana de março de 2040, e nesse final de semana, Enzo, meu paciente de 31 anos irá se casar. Será uma festa linda, muito planejada e desejada para 50 pessoas. Como vocês sabem, em 2021, quando os eventos foram liberados, ainda tivemos alguns casamentos daqueles de antigamente, para 300/400 pessoas. Mas logo depois, isso mudou para sempre. As crianças daquela época, hoje gostam de eventos para pouca gente. Nunca entendi bem se é porque agora se da mais valor às relações íntimas ou se ainda existe um resquício de medo de aglomerações. Meu paciente escreveu alguns agradecimentos para sua família. E quis me ler, especialmente a parte que escreveu para o seu irmão, três anos mais novo. Era mais ou menos assim 'e ao meu irmão, quero agradecer especialmente pela parceria em 2020, foi por ti que eu não demonstrava toda tristeza e tédio que eu estava sentindo, não queria que tu achasse que a vida podia ser pra sempre chata. Lembra que quando

começavam na TV as notícias sobre... como era mesmo o nome daquele presidente? Ou o número de mortes, ou seja lá o que fosse, a gente começava a brigar? A gente tentava juntos tirar o pai e a mãe daquela loucura toda e se distrair conosco nem que fosse pelo motivo errado. Foi por ti que me mantive forte naquele ano, e por isso vou te agradecer sempre.' Por sorte ele é um paciente de análise, no divã. Porque não pude conter as lágrimas ao mais uma vez lembrar que meu filho, quando cruzava com uma criança na rua naquele período, saía caminhando atrás delas, sedento por interação. E que, parecido com Enzo, ele só interagiu nesse período com seu primo, o que gerou entre eles uma cumplicidade que permanece até hoje. Lembro que antes de 2020, vivíamos falando que as crianças e os adolescentes daquela época tinham baixíssima tolerância à frustração. Que não sabiam esperar, que viviam na cultura do imediatismo. E eles passaram um ano, um ano da vida deles sem ir à escola, sem recreios, sem festas, sem abraços dos amigos, sem ver a pessoa de quem ensaiavam um gostar. Eu hoje acho que eles nos dão aula sobre tolerância à frustração e espera.

Mas voltemos ao presente. Não sei bem porque resolvi escrever essas ideias fictícias para vocês aqui hoje. Talvez porque eu esteja um pouco cansada demais. Não como aquele cansaço de março de 2020, mas ainda cansada para pensar em teorias do desenvolvimento e projetar que aspectos esses rompimentos no contato social, afastamento entre familiares, distanciamento da escola, diminuição significativa de abraços e toques, cuidados extremos com limpeza, medo constante da morte, anestesia significativa da dor pela morte de cem mil pessoas (somente no nosso país), possam estar gerando na personalidade das nossas crianças. Ou talvez seja para realizar meu desejo de que tudo isso já tenha encerrado de uma vez, ou para não lidar com a dor da onipotência da criança que ainda mora em mim, enfrentando toda sua absoluta falta de controle e pequenez diante das formas que a intervenção do homo sapiens altera o mundo. Mas agora, depois de contado esse meu breve devaneio, posso compartilhar com vocês o quão especial tem sido atender crianças nesse período. Com exceção de dois dos meus pacientes crianças, os demais desejaram permanecer em seus atendimentos online, mesmo quando eu, na terceira semana de março, tinha optado por não manter os atendimentos infantis. Foram as mães deles, com sua coragem para o novo, que insistiram que eu o fizesse e assim o fiz. De início, eu me surpreendi com a capacidade das famílias de preparar o setting de forma cuidadosa, e com a sensibilidade das crianças de, mesmo online, me contarem suas dores sobre os aniversários cancelados, a saudade dos avós, a chatice das aulas on-line, a brabeza quando viam crianças na praça, os infundáveis campeonatos de fortnite, a confusão ao me

perguntarem se eu, assim como suas mães, também havia chorado quando o Moro pediu demissão.

Temos nos divertido muito com minha incapacidade de minerar qualquer coisa no Minecraft e minha inabilidade total de simplesmente caminhar pelo pkxd, tendo que esperar sempre que eles venham até mim, para que em nosso encontro de avatares possamos dançar e pular de tanta alegria.

Mas, sobre isso tudo, acredito que os que estejam trabalhando com crianças estejam sabendo bem. Meu objetivo mesmo, era que por alguns instantes todos aqui tenham se imaginado no futuro e tido a certeza que as relações humanas e a psicanálise, com todas suas dores e suas delícias seguirão. E que venham se sentindo suficientemente vivos para sustentar essa esperança junto aos seus pequenos pacientes também. Vai passar.

Obs 1: Todas ideias escritas na parte inicial do texto são fictícias, e não acredito que nenhuma relação entre pais e filhos com uma base sólida de amor e afeto sejam afetadas definitivamente por uma separação temporária.

Obs 2: Todo meu respeito aos professores que mais uma vez estão sendo tão fortes no exercício de sua profissão, agora mais desafiadora do que nunca. Se as crianças comentam sobre a 'chatice das aulas on-line' tenham certeza que a maioria deles também reconhece o imenso esforço de vocês.

Texto escrito pela Psicóloga Aline Restano, Membro Aspirante do Instituto da SPPA, para o Encontro de Candidatos da Região Sul ocorrido no dia 15/08/2020 na Mesa 'O que será de nos(sas) crianças?'.
.